

# INÊS MORRE

MIGUEL JESUS

TEATRO

EDIÇÕES GALATEIA

# **INÊS MORRE**

**Miguel Jesus**

prefácio de Anabela Mendes

**EDIÇÕES GALATEIA**

Numa criação do Teatro o bando, este texto foi representado pela primeira vez a 4 de Março de 2011, no Centro Cultural Vila Flor, em Guimarães. Desenvolvido em co-produção com a Fundação Centro Cultural de Belém e em parceria com o Centro Cultural Vila Flor, o Teatro Virgínia, o Cine-Teatro de Estarreja, o Teatro Municipal de Bragança, o Teatro de Vila Real e o Teatro Municipal da Guarda, o espectáculo contou com encenação de Anatoly Praudin, coordenação artística de João Brites, composição musical de Jorge Salgueiro, espaço cénico de Rui Francisco, oralidade de Teresa Lima, figurinos e adereços de Clara Bento, desenho de luz de João Cachulo e apoio à dramaturgia de Odette Bereska. Constituíam o elenco: Miguel Borges (Pedro); Estêvão Antunes (Coelho); Ivo Alexandre (Pacheco); Sara de Castro (Teresa); Susana Blazer (Inês); Horácio Manuel (Afonso); e Helena Afonso (Corifeu).

# INÊS MORRE

PEDRO  
COELHO  
PACHECO  
TERESA  
INÊS  
AFONSO  
CORO

## Acto I

## Cena I

CORO      Diz-nos, diz-nos, ó história esquecida  
              Quem compra com a morte o que paga com a vida

              Diz-nos, diz-nos, ó cidade demente  
              Qual o sangue culpado, qual o sangue inocente

              Diz-nos, diz-nos, ó pátria maldita  
              Quanto sangue em ti chora, quanto sangue em ti grita

              Diz-nos, diz-nos, ó terra tão santa  
              Quanta morte em ti grita, quanta morte em ti canta

              Diz-nos, diz-nos, ó vil escuridão  
              Se trazes a morte na voz, se trazes a morte na mão

              Diz-nos, diz-nos, ó sombra vizinha  
              Quem só depois de ser morta conseguiu ser rainha

              Diz-nos, diz-nos, ó história esquecida  
              Quem compra com a morte o que paga com a vida

## Cena II

*Pedro, Coelho, Pacheco. Chegam da caça. Despem as roupas sujas. Limpam-se. Coelho e Pacheco bebem.*

PEDRO Não há maior obra do que dar ao condenado a luz de mais um dia.

COELHO Pois bem, assine-se já esse tratado de clemência com os veados!

PEDRO Não é clemência alguma. Amanhã vou esperá-lo à mesma hora. Vais ver o respeito e o horror a combaterem nos seus olhos. Se dentro dele o horror vencer e ele fugir, aí sim, matá-lo-ei.

PACHECO Cuidado, queres educar a natureza como educas os teus escravos?

PEDRO Ora, um escravo acaba sempre escravo e compete aos que nascem livres por direito saber fazer ouvir a liberdade.

PACHECO E crês tu que antes disso ela era muda? Parece-me então que não mereça um tal respeito.

PEDRO *(Faz sinal a Coelho.)*  
Devo então prender-te para que lhe reconheças o valor?

*(Coelho agarra Pacheco que luta para se soltar.)*

PACHECO Tão prisioneiro do erro é um idiota...

PEDRO Olha que é por lutar contra a fortuna que a besta se afunda na lama.

PACHECO (*Liberta-se. Compõe-se.*)  
...como da virtude o homem justo.

COELHO Crês assim que é tudo condição? Que só nos resta o instinto de seguir a natureza?

PACHECO Pelo contrário. Digo-te que todos nós também somos natureza e que da nossa longa lista de castrações, a primeira é a que ao nascimento nos obriga. Depois dessa, alguns têm também o azar do pensamento.

COELHO E adivinho que sejas tu um dos poucos desafortunados.

PACHECO Dizes bem, mas ainda assim não é grande amarra a minha. Meu pensamento ocupa-se a manter-me livre de pensar.

PEDRO Vejo que o meu pai te mantém muito desocupado.

PACHECO Caro Infante, o trabalho de conselheiro deve ser sempre regido por uma ausência notável de conhecimento. É desconhecendo a maioria dos factos que pode crescer a serenidade da razão.

COELHO Olha que ajuizar como uma criança é amarrar os braços da justiça.

PACHECO Pelo contrário, tal como uma criança, eu estou mais livre por tudo aquilo que desconheço.

COELHO Ah. Pensas então que é inocente a ignorância?

PACHECO Não diria tanto. Mas por quanto é ignorante quem pergunta, não será pela minha resposta que se livrará dessa mesma condição. Pois não será prisão tanto aquilo que se sabe ou desconhece, mas sim o tanto que esse tanto a tanto obriga. Do que sabemos cresce em nós sempre um dever e é esse encargo que temos o dever de ignorar. Quem muito sabe pouco sente o peso ao mundo, mas não é fácil saber criar essa distância. Pensas que o sábio padece duma fome universal ou que a vidente carrega aos ombros todos os males que prenuncia?

COELHO Não é a nós que nos compete olhar o mundo das alturas.

PACHECO Ser impassível não é ser desinteressado. É na maior irresponsabilidade que eu sei ser responsável pela minha liberdade.

PEDRO Pensas bem Pacheco, mas é ainda mais livre aquele que abdica da razão.

PACHECO E mais do que esse, aquele que não tem a cabeça junto ao corpo. Mas fica descansado, de nenhum deles me desejo aproximar. Aliás, para evitar essa sorte ganhei um hábito que repito todos os dias.

PEDRO      Evitá-la ninguém pode, mas talvez a consigas adiar.

COELHO     E olha que nem o padre e a confissão salvam o corpo.

PACHECO    O padre! A missa! Não, para salvar o corpo sempre preferi as freiras. Amigos, este costume prima pela simplicidade. Todos os dias eu compro a minha salvação.

PEDRO      E qual é o preço?

PACHECO    O preço é a vida do teu pai. Calma, calma, nem sempre no que digo quero dizer algo mais. Essa audácia está reservada aos poetas. Digo simplesmente que nascidos em natureza nos compete procurar entre os homens o nosso caminho natural. Mas como sentir o chamamento do instinto? Como saber o que o mundo nos reserva? Pois bem, são frutos da natureza nossas linhagens e hierarquias. Não é assim difícil de entender que são também naturais as leis que um rei evoca e que só a desobediência nos poderia aprisionar.

COELHO     Não te sabia tão prudente.

PACHECO    Mas cuidado. Se por um lado não nos devemos opor a estas razões naturais, por outro, também um rei deve tomar em conta as opiniões mudas da natureza que o rodeia. Caso contrário, a voz do reino arranjará outras formas de se tornar audível e a condição natural do rei pode ser naturalmente alterada.

PEDRO Parece-me que és naturalmente descarado.

PACHECO É a vida do teu pai que me permite este grande entendimento. As decisões de um rei em nada se comparam com os nossos conselhos. É o seu grande amor pelo reino que nos pode a nós desobrigar. Está-se mais perto da salvação quanto mais perto do trono se estiver, sem no trono se estar. Está-se mais perto da liberdade quanto mais perto do amor se estiver, sem o amor amarrar.

COELHO Falas como um poeta e como um verdadeiro sábio.

PACHECO Sim. E na verdade tenho também algumas ideias do que será o futuro.

COELHO E porque não nos revelas essas profecias?

PACHECO *(Serve-se.)*

Calma, deixa-me primeiro adivinhar o presente.

*(Silêncio. Bebe.)*

Mas diz-me Pedro, como está Inês?